

Sesc^{tv}

Dezembro/2015 - edição 105
sesctv.org.br/aovivo

ÍNDIOS EM
MOVIMENTO
**UM DEBATE
PARA TODOS
OS POVOS**

ESTILHAÇOS
REFLEXÕES
SOBRE A ÉTICA
DAS RUAS

INSTRUMENTAL
AS GUITARRAS
DE PEPEU GOMES



Tributo a Oscar Castro Neves

13/1, às 22h

Foto: Marco Mancini

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SECTV

A construção da identidade de um povo passa por questões históricas, sociológicas, políticas e culturais. É por meio dessas complexas conexões e inter-relações que se constituem valores éticos, estéticos e simbólicos, que nos ajudam a compreender ritos, costumes e comportamentos. Muitas vezes, faz-se necessário repensar a história de um povo, no sentido de corrigir registros incompletos ou unilaterais. Assim, sempre é possível rever esses processos históricos, jogando luz sobre novas questões e pontos de vista.

Neste mês, o SescTV convida a uma reflexão sobre os povos indígenas no Brasil, com o inédito ciclo de filmes *Índios em Movimento*. Com concepção e curadoria de Marco Altberg, o ciclo é composto por oito longas-metragens e também por um debate com os indigenistas Aílton Krenak, Betty Mindlin, Felipe Milanez e Vicent Carelli, que discutem questões históricas, sociais, culturais, políticas e ambientais do Brasil em cada episódio da série.

Outro destaque do mês é a estreia da série *Estilhaços*, direção de Kiko Goifman. Em 52 episódios, a série documental apresenta uma reflexão sobre a ética aplicada no cotidiano, nos mais variados grupos sociais. O *Instrumental Sesc Brasil* destaca show inédito de Pepeu Gomes, gravado no teatro do Sesc Consolação por ocasião do lançamento de seu CD *Alto da Silveira*, do Selo Sesc.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o produtor da série *Estilhaços*, Jurandir Müller, que relembra sua trajetória e fala sobre o processo de produção para a realização de uma série de TV. O artigo do diretor da série *Índios em Movimento*, Marco Altberg, trata sobre a abordagem de temáticas indígenas nos meios de comunicação brasileiros. Boa leitura!

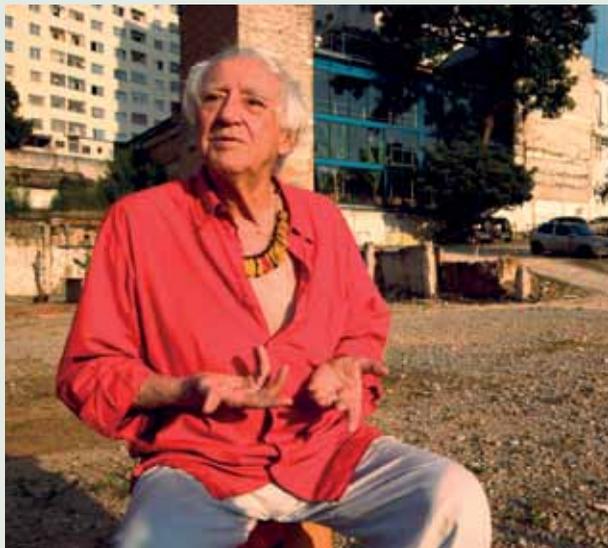
Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc em São Paulo

Capa: Série Índios em Movimento
Foto: Renato Soares
Projeto Ameríndios do Brasil. Etnia Kuikuro

SescTV é o canal de difusão cultural do Sesc, distribuído gratuitamente, que tem por missão ampliar a ação do Sesc para todo o Brasil.

‘É preciso falar sobre ética’

FOTO: DIVULGAÇÃO



Qual a sua ética? Para o diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa (foto), a ética que ele pratica “é a da arte, da estética”. Por mais abstrata que seja a resposta, ela suscita a existência não de uma única ética, que direciona todo comportamento social humano, mas de várias éticas, vários conjuntos diferentes de regras, preceitos e princípios morais que orientam o homem, individualmente ou não.

Dessa forma, é possível compreender a ética como um conjunto de normas variáveis que se adequam a indivíduos e grupos, cuja aplicação é essencial para vida em sociedade. A filósofa Olgária Matos explica que “a ideia das boas maneiras, da etiqueta – que é uma pequena ética –, é uma maneira de se relacionar no espaço público, no sentido de mediar as relações entre os corpos”. Segundo Olgária, dentro do conceito de ética, o homem diminui a possibilidade da agressão pessoal ou do desconforto quando ele tem fórmulas de mediação da relação com o outro.

No contexto da cidade, o arquiteto Guilherme Wisnik acredita que a ideia de ética para o espaço urbano é fundamental e defende que ela “é o grande valor que orienta nosso pensamento sobre a vida coletiva. Porque o espaço urbano é o lugar da vida coletiva, um lugar complexo e de difícil orquestração dos interesses da coletividade em relação aos interesses individuais que são especulativos”.

Para discutir a ideia de ética entre os indivíduos, o diretor Kiko Goifman propõe uma reflexão criativa sobre as relações contemporâneas em sua nova série

Estilhaços. “O projeto nasceu como um desafio: pensar uma série sobre ética – porque é preciso falar sobre ética nos dias de hoje –, mas de uma maneira diferente. Sugeri abordá-la no mundo das ruas, com grupos diversos, partindo da premissa de que o que é antiético para uns, pode não ser para outros”, comenta o diretor. A série conta com 52 episódios de 26 minutos e estreia dia 3 deste mês no SescTV. “Em cada programa, procuramos mostrar dois grupos que pensam a questão da ética de maneira diferente, não necessariamente contrária, mas que faça o espectador pensar”, explica Kiko.

Artistas, vendedores, advogados, padres, strippers, professores e prostitutas são alguns dos vários entrevistados que falam sobre os princípios que norteiam sua profissão e sua vida em sociedade. Segundo o diretor, que também é antropólogo, “existe uma pluralidade de éticas nas ruas, do mendigo ao patrão, mas também existe antiética em cada grupo, pois as pessoas rompem pactos. O mais rico é perceber que existem fortes relações éticas em situações limites, como as dos moradores de rua, onde muita gente nunca imaginaria existir”.

NOVA SÉRIE CONVIDA A UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A IDEIA DE ÉTICA APLICADA NO COTIDIANO

▶ ESTILHAÇOS

Quintas, 22h

Apresentação

Dia 3/12 **12**

Senhores do Tempo e a Máquina da Verdade

Dia 10/12 **12**

O Sagrado do Verniz e o Coração de Plástico

Dia 17/12 **12**

A Linha da Liberdade e o Barulho do Subterrâneo

Dia 24/12 **12**

O Mundo Sagrado e o Mundo da Farra

Dia 31/12 **14**

Rock com sotaque brasileiro

FOTO: DIVULGAÇÃO



Alto da Silveira é nome de uma praça no bairro de Fazenda Garcia, em Salvador (BA), onde Pepeu Gomes nasceu e foi criado. Foi lá que ele e seus irmãos passaram a infância e a adolescência e conheceram os instrumentos musicais que os acompanhariam ao longo da vida. Aos 13 anos, Pepeu criou sua primeira banda, *Los Gatos*. Depois, viriam as bandas *The Lief's* e *A Cor do Som*. Mas seria com os *Novos Baianos* que Pepeu conquistaria a fama de melhor guitarrista do Brasil.

Saindo da Bahia, o grupo se instalou em um quarto de hotel, em São Paulo. Para Pepeu, foi nessa cidade que nasceu o embrião de seu primeiro álbum, *Acabou Chorare*. “O começo, o start da banda foi aqui em São Paulo.” O grupo participou do Festival de Música da Record, de 1969, no qual foi premiado com a música *De Vera* e, de quebra, ainda foi batizado com o nome *Novos Baianos*, sugestão de um produtor do evento.

Para o músico Luiz Carlini, amigo de Pepeu, os guitarristas brasileiros, como ele, vieram de uma escola de corda diferenciada, uma vez que aprenderam primeiro a tocar chorinho, samba, bandolim, cavaco, e só depois começaram a tocar guitarra elétrica. Mas, quando começaram a tocar rock’n roll, misturaram a energia da música brasileira com o rock. “Eles têm a autêntica linguagem da guitarra brasileira”, afirma. Autenticidade que fez parte de um processo de identificação pessoal de Pepeu.

O músico conta que costumava ser confundido com Jimmy Hendrix nas rádios, algo que o incomodava muito. Então, decidiu inovar o som de sua guitarra,

usando para isso uma televisão que o grupo havia comprado para assistir à Copa do Mundo de 1970. “Numa noite eu desmontei a televisão e tirei os transistores. Pedi para meu amigo, que era técnico eletrônico, fazer uma distorção de sons para a minha guitarra com os transistores. E eu tinha tirado o transistor da cor. Então a TV que era colorida, que tinha acabado de chegar ao Brasil, ficou preto e branco”, lembra.

Assim, Pepeu começou a fazer suas guitarras e os sons que marcariam gerações. Já são mais de 40 anos de carreira e 25 discos. *Alto da Silveira* é o terceiro disco instrumental de Pepeu, gravado em 2015, pelo Selo Sesc, no teatro Anchieta do Sesc Consolação, e que leva o nome da praça que Pepeu frequentava na infância. “É uma conotação muito forte de nossas vidas, de nossa família e de nossa origem”, explica. O espetáculo foi gravado e será exibido neste mês pelo SescTV, no Instrumental Sesc Brasil. Ele é acompanhado por seus irmãos Jorge Gomes (bateria) e Didi Gomes (baixo); por Filipe Pascual e Daniel Imenes (guitarra); Eduardo Viana (teclado); Ricardo Guerra e Marcelo Mendes (percussão). Antes, a série *Passagem de Som* exibe entrevista com Pepeu e com seus amigos Luiz Carlini e Lanny Gordin.

PEPEU GOMES COMEMORA 40 ANOS DE CARREIRA EM SHOW INSTRUMENTAL E RELEMBRA SUAS INFLUÊNCIAS

▶ INSTRUMENTAL SESC BRASIL

Domingos, 21h30 **L**

Mutrib
Dia 6/12

Tim Berne Snakeoil
Dia 13/12

Pepeu Gomes
Dia 20/12

Jane do Bandolim e Miado de Gato
Dia 27/12

História revista

FOTO: DIVULGAÇÃO



A atual população indígena no Brasil soma 896,9 mil habitantes, divididos em 305 etnias, segundo dados do último censo demográfico realizado pelo IBGE. Apesar de ser um número crescente, questões históricas não resolvidas ainda refletem diretamente na realidade da comunidade indígena no país. “Há uma questão tão complexa na configuração do Brasil que a gente percebe uma resistência”, aponta o documentarista Felipe Milanez sobre a relação atual dos brasileiros com os índios. Segundo ele, o Brasil continua sendo um país colonial, época em que os nativos, assim como os negros, eram escravizados e subjugados pelos europeus. Assim, para entender nossa contemporaneidade, é preciso cada vez mais “conhecer as histórias dos indígenas, entender que os índios não foram passageiros na nossa história. Eles são a nossa história junto com a gente”, defende Milanez.

Para a antropóloga Betty Mindlin, boa parte dos brasileiros não reconhece os direitos dos povos nativos. “A sociedade brasileira não entende que são povos que existem antes da nação brasileira e que são os donos de seus recursos naturais.” Betty explica que, desde o século XVI, os índios são massacrados e

escravizados. “Essa escravidão é ignorada nos livros de História, mas persiste até hoje, de outra forma.” Contudo, a antropóloga admite: “existe também uma tradição de defesa dos índios, pelo menos em teoria, que é muito rara no mundo. E nisso, a gente tem que reconhecer o papel da fundação do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e do Marechal Rondon.”

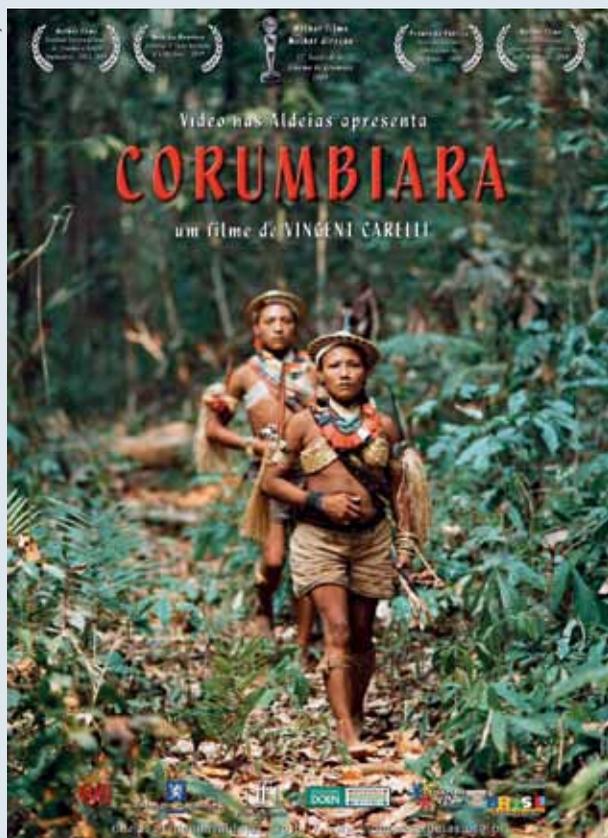
Cândido Mariano da Silva Rondon foi um marechal brasileiro, de origem indígena, que, durante sua vida desbravou o Brasil e fundou, em 1910, o SPI. “Rondon virou um herói nacional para os indigenistas mais tradicionais, um grande ícone do indigenismo moderno brasileiro que, na verdade, é uma reprodução das reduções jesuítas”, conta o antropólogo e documentarista Vincent Carelli. A contradição exposta por Carelli vai ao encontro do processo de integração civilizatória das etnias no Brasil.

O líder indígena Ailton Krenak concorda com o antropólogo. “Se a gente ficar com uma visão influenciada por esses símbolos, como Rondon, os irmãos Villas-Bôas, ou os grandes sertanistas que jogaram sua vida na batalha por defender algumas regiões indígenas, nós vamos acreditar que, dentro do Estado

brasileiro, existe alguma tradição de consolidar um acervo de terras indígenas, onde os índios vão viver no futuro.” Para Krenak, essa nunca foi uma política defendida por governos no Brasil, que sempre trabalharam pela integração do índio na sociedade. “Parece que a onda agora é levar os índios para a universidade, é levar os índios para a escola. Já que a gente não consegue fazer esses caras ‘largarem’ de ser índios, que pelo menos eles sejam índios técnicos, doutores, enfermeiros, médicos, que arrumem um emprego, se enquadrem e parem com esse negócio de querer ter terra, porque terra é para o agronegócio, ou para o garimpo, para a mineração”, critica.

Krenak, Mindlin, Milanez e Carelli discutem questões históricas, sociais, políticas e ambientais do Brasil na série *Índios em Movimento*, que o SescTV exhibe neste mês. Em oito episódios, a série apresenta um debate entre os quatro pensadores, seguido da exibição de um filme sobre a temática. A série tem concepção e direção geral de Marco Altberg.

FOTO: DIVULGAÇÃO



CICLO DE FILMES SUSCITA DEBATE SOBRE QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS, CULTURAIS, POLÍTICAS E AMBIENTAIS DOS POVOS INDÍGENAS

▶ DEBATE E DOCUMENTÁRIOS

De 13 a 20/12, 23h

Rondon, Amor, Ordem e Progresso
(dir.: Marco Altberg)

Dia 13/12 **L**

Estratégia Xavante
(dir.: Belisario Franca)

Dia 14/12 **12**

Corumbiara
(dir.: Vicent Carelli)

Dia 15/12 **L**

Trópico da Saudade: Claude Lévi-Strauss e a Amazônia
(dir.: Marcelo Fortaleza Flores)

Dia 16/12 **L**

Tava - A Casa de Pedra
(dir.: Ariel Ortega, Ernesto de Carvalho, Patrícia Ferreira e Vincent Carelli)

Dia 17/12 **L**

Noke Hawett
(dir.: Nicole Algranti)

Dia 18/12 **L**

Jururã, o Espírito da Floresta
(dir.: Armando Lacerda)

Dia 19/12 **L**

Pirinop, Meu Primeiro Contato
(dir.: Mari Correa e Karane Ikpeng)

Dia 20/12 **L**

O processo criativo da produção

FOTO: BRUNA GUERRA



JURANDIR MÜLLER, é produtor e diretor de cinema e vídeo. Dirigiu os documentários *A Poética de Philadelpho*, *Menezes* e *Partido Mooca*. Fundou a produtora PaleoTV, que produziu trabalhos como a série *Paisagens Urbanas*, exibida pela TV Cultura de São Paulo; os documentários *O Pintor*, *Coletor de Imagens* e *Morte Densa*; os longas-metragens *FilmeFobia* e *Periscópio*, além das séries *Transando com Laerte*, exibida pelo Canal Brasil e *HiperReal*, *Temporal* e *Estilhaços*, realizadas pelo SescTV.

“O PAPEL DO PRODUTOR NA CADEIA AUDIOVISUAL SEMPRE FOI DE EXTREMA IMPORTÂNCIA. POIS ELE DEVE CONSIDERAR AS DEMANDAS DO MERCADO PARA CADA TIPO DE PROJETO QUE IRÁ TRABALHAR. ESSAS DEMANDAS DE MERCADO SÃO IMPORTANTES, MAS TRABALHOS MAIS AUTORAIS TAMBÉM SÃO FUNDAMENTAIS.”

Como se deu seu envolvimento com o cinema e a TV?

Comecei a estudar Biologia e, durante a faculdade, estagiei no laboratório de fotografia do setor de hemodinâmica do Incor, o Instituto do Coração, em São Paulo. Lá, ficava fascinado pelas imagens de uma câmera de cateterismo, que se revelavam em um negativo e depois eram ampliadas em papel fotográfico por um processo químico. Como era apaixonado pela fotografia, pelo cinema, e era um frequentador assíduo das salas de cineclubes de São Paulo, abandonei a Biologia e fiz um curso de fotografia. Consegui uma vaga no estúdio da editora Abril, onde tive o prazer de trabalhar com fotógrafos como José Maria, Arnaldo Klein e principalmente com o pintor e fotógrafo Luigi Mamprin, que foi o fotógrafo da expedição Villas-Bôas, entre vários outros projetos. A partir da fotografia, anos depois, fui para o cinema.

Como surgiu sua produtora de vídeo, a PaleoTV?

Fui curador de uma sala de vídeo no final dos anos 1980, no Elétrico Cine Clube. Tive a possibilidade de trabalhar com Dante Ancona Lopez, que me ensinou a sentir o cinema. No Elétrico, montei uma produtora que fez um curta-metragem sobre o José Mojica Marins, o Zé do Caixão, mas que nunca foi montado, pois a produtora parceira na montagem do filme foi assaltada e perdemos todo o material gravado em Super-VHS, o formato na época. Na sequência, veio a produtora PaleoTV, nome esse tirado de um texto do escritor italiano Umberto Eco, no livro *Viagem pela Irrealidade Cotidiana*. Eco descreve a PaleoTV como uma TV que abre a janela para ver o mundo. A partir daí, foram 20 curtas, algo como uns 240 programas para TV e uns oito longas-metragens produzidos.

Qual a diferença entre produzir para o cinema e televisão?

O tempo. Os projetos para TV têm em sua essência um tempo menor em todos os passos da produção. Projetos para o cinema possuem um tempo mais estendido. Pesquisa, roteiro, filmagem, montagem e finalização são processos mais longos. Imagine o tempo de um primeiro corte de um longa-metragem que chega a ter seus 150 minutos. Para chegar a um último corte com uns 80, 90 minutos, o diretor e o montador passam três horas só para assistir o que estão fazendo.

A produção também é um processo criativo?

O papel do produtor na cadeia audiovisual sempre foi de extrema importância. O produtor tem como obrigação ser o profissional que dá “a cara” do seu negócio. Deve considerar as demandas de mercado para cada tipo de projeto que irá trabalhar. Essas demandas de mercado são importantes, mas trabalhos mais autorais também são fundamentais. O sucesso de um filme, por exemplo, não deve ser mensurado somente por sua carreira em exibição comercial, mas também pela importância de seus resultados em festivais e sua relevância em trazer novas propostas autorais. A ideia de produtor criativo é amplamente conhecida nos Estados Unidos e Europa. Tomemos como exemplo o produtor português Paulo Branco. Ele já realizou mais de duzentos longas-metragens, com nomes como Wim Wenders, Manoel de Oliveira, Luc Moullet, Chantal Akerman, entre outros. Branco é reconhecido como o produtor com maior número de filmes exibidos nos festivais de Cannes e de Locarno, onde recebeu o Prêmio Raimondo Rezzanico como melhor produtor. Aqui no Brasil essa função está ganhando cada vez mais força.

Quais são os critérios para compor uma equipe de produção?

O meu critério é buscar pessoas que queiram fazer um trabalho criativo. Sempre dei muita sorte. Já trabalhei com nomes que estavam no início de suas carreiras, como Geórgia Costa Araújo, Jeferson De, Fabiano Gullane, Caio Gullane, Joel Pizzini, Inês Cardoso, Cláudia Priscilla e tantos outros. Minha produtora é certamente um lugar de passagem, até porque nosso modelo de negócio é muito mais direcionado a montar equipes que tenham sinergia com o projeto que estamos realizando naquele momento.

Você é um dos diretores do Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo. Qual a importância de festivais de cinema e televisão no Brasil?

A importância dos festivais é enorme, pois eles trazem ao público produções que dificilmente entram em circuito comercial, ou mesmo televisivo, como longas-metragens do México, por exemplo. A produção atual desse país está na casa dos 140 filmes por ano. Em 2014, foram exibidos apenas seis filmes mexicanos nas salas comerciais do Brasil.

Como começou a parceria com Kiko Goifman?

Ao assistir ao curta *Tereza*, do Kiko, fiquei encantado. Estava produzindo a série *Paisagens Urbanas*, do Nelson Brissac Peixoto, e era o momento de começar a edição. Mostrei o *Tereza* ao Nelson, que logo disse: “esse é o

cara que precisamos para montar nossa série”. Depois de um tempo tentando localizá-lo, chegamos ao seu endereço e enviamos um telegrama – eram tempos pré-internet – pedindo para que ele entrasse em contato. Kiko estava fazendo seu mestrado e, quando ficou sabendo que queríamos que ele montasse a série, ele disse que não era um montador. Tudo piorou quando eu lhe disse que ele teria que operar a ilha de edição, na época uma Video Machine – só quem teve uma sabe a roubada que era aquele equipamento –, com três máquinas betas analógicas. Mas Kiko aceitou o desafio, meteu a cara naquele equipamento e montou a série. Daí para frente, trabalhamos juntos por mais de 20 anos em uma linda história de construção de um modelo de negócios que estava longe de ser o usual, pois decidimos não fazer vídeos institucionais nem publicidade. Claro, ficamos mais pobres, mas muito mais felizes.

Como foi o trabalho de pesquisa e produção de uma série como *Estilhaços*?

A pesquisa para a produção de uma série é sempre fundamental, pois é através dela que encontramos histórias, personagens e locações. Temos uma equipe forte e apostamos muito nisso. As etapas básicas de produção de uma série de televisão são três, a pré-produção, a produção em si, que engloba a gravação, e, por último, a finalização. O que vale ressaltar aqui é a pesquisa que fazemos na primeira etapa. É nela que gastamos nosso maior tempo e é nela que mergulhamos a fundo, principalmente diante de um tema complexo, como a ética, que é o tema central de *Estilhaços*.

Estilhaços discute a ética das ruas, em diversos grupos sociais e profissionais. Qual a ética no setor audiovisual?

Existem várias éticas no audiovisual, pois não é um grupo ou produto homogêneo. A ética na publicidade talvez não seja a mesma do longa-metragem. Não existe um livro de regras fechado, mas é uma questão que pensamos todos os dias, seja fazendo documentário ou ficção.

“O SUCESSO DE UM FILME NÃO DEVE SER MENSURADO SOMENTE POR SUA CARREIRA EM EXIBIÇÃO COMERCIAL, MAS TAMBÉM PELA IMPORTÂNCIA DE SEUS RESULTADOS EM FESTIVALS E SUA RELEVÂNCIA EM TRAZER NOVAS PROPOSTAS AUTORAIS.”

Os índios e a imagem

Há muitos anos persigo um sonho. Às vezes próximo, às vezes distante. A criação de um canal Indígena de TV. “Por que isso?”, perguntariam alguns. Porque os brasileiros em sua grande maioria não fazem ideia do que é ser índio ou tem uma ideia completamente errada, construída no preconceito e em verdades falsas. Porque é muito importante para o brasileiro saber quem foram seus ancestrais e se orgulhar disso ao invés de ter vergonha. Pesquisas demonstraram que todo brasileiro tem, mesmo que muito distante, presença indígena no sangue, gravada no DNA. Os índios são o segmento da população brasileira que mais cresce. Isso se deve muito às conquistas da Constituição de 1988, através da qual esses povos recuperaram, pelo menos no papel, o direito à própria terra, ao aprendizado da própria língua e ao atendimento da saúde.

Existe uma dívida que precisa ser saldada com nossos povos originais. Existiam mais de mil diferentes nações indígenas quando os europeus invadiram o território que viria a se chamar Brasil. Hoje, passados mais de 500 anos, restam ainda cerca de 200 povos, sobreviventes de toda sorte de ataques, que precisam ser preservados. É a nossa herança primordial. Nossa história mais profunda e genuína. Esses povos representam o que é verdadeiramente nosso. Nosso mito de origem. Na verdade, muitos mitos.

Enquanto o país não resgatar e reconhecer essa origem, seremos habitados por sombras de um passado vergonhoso de massacres, invasão de terras, estupros, roubos, submissão moral e religiosa, desrespeito e muito preconceito, que ainda insiste em se manifestar nos dias de hoje contra esses povos, através de absurdos como a proposta de emenda constitucional conhecida por PEC 251, que repassa ao Congresso a decisão sobre demarcações de terras indígenas.

A história do registro de imagens dos povos indígenas se remete aos viajantes e expedicionários naturalistas que captavam em desenhos o ambiente indígena ou artistas pintores que por encomenda da Coroa retratavam os diferentes representantes da população da colônia. Logo depois vieram os pioneiros fotógrafos. Mas foi através das expedições do Marechal Rondon que outro militar, Major Reis, foi treinado para registrar em filme imagens dos povos indígenas dos territórios atravessados pelas expedições. Esses filmes, além de valor inestimável para o cinema, são preciosos registros históricos.

De lá pra cá, uma quantidade considerável de documentários brasileiros e internacionais foram realizados, em sua maioria de grande interesse e valor etnográfico. O cinema de ficção também contribuiu para a permanência da imagem do índio nas telas. Importantes filmes brasileiros e um considerável número de produções estrangeiras utilizaram como tema principal conteúdos indígenas.

Marco importante do registro de imagens indígenas foi a criação do bem-sucedido projeto Vídeo nas Aldeias, pioneiro em possibilitar ao índio o seu próprio registro audiovisual, criando condições de treinamento e aprendizado das técnicas de registro e edição audiovisual para os indígenas. Dezenas de realizadores indígenas surgiram a partir desse projeto e, com eles, grande volume de conteúdo audiovisual indígena.

Contudo, existe no Brasil e no exterior um grande acervo audiovisual que precisa ser reunido, catalogado e preservado. A imagem dos nossos índios está espalhada pelo planeta em acervos privados, coleções públicas e privadas, instituições, com risco de desaparecimento duplo, uma vez que muitas das culturas que deram origem a obras audiovisuais foram extintas.

A ideia do Canal Indígena é reunir esse acervo planetário de conteúdos indígenas e exibir uma programação voltada para o espectador brasileiro comum, e não apenas aos índios, que de certa forma já se conhecem. Mas é muito importante que o público brasileiro de TV conheça suas origens com tudo o que isso significa: as diferentes etnias espalhadas pelo território brasileiro, as diferentes línguas sobreviventes, os hábitos, a cultura, as aldeias e suas localizações, os mitos, lendas, espiritualidade, medicina, arquitetura, arte, agricultura, culinária, estrutura política etc.

No Canadá e na Austrália existem canais de TV voltados para seus povos originais. É uma forma eficiente e importante de incluir essas culturas no cotidiano do brasileiro. É uma forma de irmos fundo no resgate de nossas histórias, entender de onde viemos e o que se passou para chegarmos até aqui.

Marco Altberg é roteirista, cineasta, presidente da ABPITV - Associação Brasileira de Produtores Independentes de Televisão e diretor da série *Índios Em Movimento*.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: DIVULGAÇÃO



VOLTA AO TEMPO

O SescTV exibe, neste mês, quatro episódios inéditos da série *Arquiteturas*. O subdistrito paulista de Paranapiacaba (foto) é tema do programa do **dia 19/12**, que apresenta um panorama do local, resgatando sua história no contexto do transporte do café até os dias de hoje, quando se tornou um ponto turístico, com seus trens e estações ferroviárias. Ainda neste mês: *Orla de Santos* (dia 5/12), *Galeria do Rock* (dia 12/12), e *Ribeira* (RN) (dia 26/12). **Sempre às 21h**. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Confira a classificação indicativa no site.

FOTO: DIVULGAÇÃO



SOBRE O BRASIL

Cinco episódios da série *Galáxias – Olhares sobre o Brasil* apresentam as impressões de pensadores e artistas sobre o Brasil atual. No **dia 9/12**, o jornalismo brasileiro e seu papel na formação ideológica da sociedade é tema do episódio *Mídia*. Para os entrevistados, a ascensão das redes sociais interfere na comunicação social, apesar de o monopólio das empresas jornalísticas continuarem interferindo na liberdade de expressão e de opinião. Ainda neste mês: *Cidades* (dia 2/12), *Educação* (dia 9/12), *Produção Estética* (dia 23/12) e *Movimentos Sociais* (dia 30/12). **Sempre às 21h**. Direção de Isa Grinspum Ferraz. Confira a classificação indicativa no site.

SESC TV PREMIADO NO TELAS

O documentário *Baré, Povo do Rio*, de Tatiana Toffoli, foi o vencedor da categoria realização artística de documentário no Telas – Festival Internacional de Televisão de São Paulo. Realizado pelo Sesc, o filme integrou um projeto da instituição, do qual também faz parte um intenso trabalho de pesquisa, que resultou em um livro homônimo, organizado por Marina Herrero e Ulysses Fernandes, e publicado pelas Edições Sesc. Em sua segunda edição, o festival Telas foi realizado entre os dias 9 e 15 do mês passado, em São Paulo. Além do documentário, a série *Arquiteturas*, direção de Paulo Markun e Sergio Roizenblit, também concorreu ao prêmio, na categoria série documental.

O MITO DO INCORRUPTÍVEL

Corrupção é tema de episódio inédito da série *Filosofia Pop*, que o SescTV exibe no **dia 27/12**, com participação do psicanalista Tales Ab'Saber e do juiz Marcelo Semer, com mediação de Marcia Tiburi. Para Semer, o tema é de "difícil julgamento, uma vez que vai de encontro a outros problemas, como o sistema jurídico brasileiro e a construção do nosso Direito Penal". Ainda neste mês, o canal exibe os episódios *Futebol*, no **dia 6/12**; *Drogas*, no **dia 13/12**; e *Adolescência*, no **dia 20/12**. **Sempre às 20h**. Direção de Esmir Filho. Confira a classificação indicativa no site.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães

Redação: Adriana Reis e João Cotrim
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Administração: Carlos Padilha
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.

Festival ComKids

Prix Jeunesse Iberoamericano 2015

dias 22, 29/1 e 5/2, 20h

Mi Lugar. Direção: Tonatiuh Martinez. – Prêmio de Aquisição
SescTV na categoria 7 a 11 anos não ficção. Foto: Divulgação

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV